



Sociedade Civil 2023

Cenários sobre o futuro
da sociedade civil organizada

Síntese – Entrevistas-diálogo

Introdução:

como ler este documento

"Cenários tratam de dois mundos: O mundo dos fatos e o mundo das percepções. Seu propósito é coletar e transformar informação de importância estratégica em novas percepções que gerem entendimentos estratégicos e que antes estavam fora do alcance da mente." — Pierre Wack

Ao longo dos meses de julho, agosto e setembro de 2013, a equipe do Instituto Reos entrevistou 38 atores como parte da preparação para a Construção de Cenários sobre o futuro da sociedade civil organizada no Brasil. Este documento sintetiza as falas destas entrevistas, resumindo o pensamento atual dos entrevistados sobre a realidade emergente em relação ao nosso tema. A intenção do documento é servir como um insumo principal para a Construção dos Cenários. Sua função é ser um ponto de referência para assegurar que os Cenários serão relevante às preocupações das pessoas envolvidas.

O processo de realizar entrevistas-diálogo é um primeiro passo essencial no processo de Construção de Cenários Transformadores. Na entrevista-diálogo, o entrevistador suspende suas próprias opiniões e perspectivas para poder escutar o entrevistado e investigar genuinamente. A entrevista é gravada e transcrita para ser fiel à voz do entrevistado. A entrevista é estruturada com base em 7 perguntas-chave, desenhadas para levantar as principais preocupações, pressupostos e perspectivas do entrevistado sobre o futuro.

As perspectivas dos entrevistados estão capturadas neste relatório em formato de uma série de citações sem atribuição. O uso de citações permite que o entrevistado fale por si e não através da interpretação do entrevistador. Em alguns casos, o escritor do relatório editou citações para deixá-las mais sucintas ou claras, tomando cuidado para manter o significado original. As citações são agrupadas por temas que emergiram através de uma análise disciplinada do material.

Este documento não constitui uma análise exaustiva dos fatos da situação da sociedade civil organizada e sim um mapa das diferentes formas de se entender esta situação complexa. Convidamos a ler este texto com "olhos suaves", sem focar em sua concordância ou discordância sobre o que está escrito, mas sim com a intenção de explorar os diferentes pontos de vista. Faça uma imersão neste rico conjunto de perspectivas, sem reagir às falas e sem responder neste momento às perguntas. Preste atenção se alguma citação particularmente o impressiona, surpreende, assusta, ou irrita. Note, em particular, as perspectivas que sejam diferentes das suas.

Ao ler este documento, se pergunte: O que este texto me diz em relação à realidade emergente da sociedade civil brasileira?

Conteúdo

1. O que nos preocupa	pág. 4	
Sustentabilidade financeira das OSC		Relação com Estado
Fragmentação		Relação com o setor privado
Criminalização		Relações internacionais
Relação Estado sociedade –civil		Credibilidade e transparência
Cooptação		Financiamento e sustentabilidade
Tratamento das minorias		Impactos do contexto econômico
A tendência conservadora		Desigualdade e diversidade
		Ética e valores
2. Quais forças influenciam esta história?	8	A pauta política
Novas formas de organização da sociedade civil		Novas formas de organização
Novas tecnologias		Impacto da tecnologia
Novas gerações		
Desenvolvimento econômico		4. Quais possíveis futuros enxergamos?
Modelo de desenvolvimento		23
Mídia		“Os indivíduos não-governamentais”
Poderes econômicos		“Atomização das causas
Desigualdade		“Autossuficiência e autofinanciamento”
Diversidade		“Negócios sociais”
A religião		“Novos fundos”
A luta		“Democracia direta”
Criatividade e inovação		“Estado democrático”
Novo papel das empresas		“Reforma política”
Cultura de filantropia		“Estado controlador”
Liderança		“Domesticação total”
Governança		“Estado sequestrado”
Esferas de participação		“Volta da ditadura”
Burocracia		“A lógica conservadora no poder”
Transparência		“Disputa de valores”
Cultura e consciência		“Fechando as nossas portas”
Modelos mentais da sociedade civil		“Servindo a interesses criminosos”
Educação		“Capacitação das OSCs”
Relações internacionais		“Desburocratizando”
		“Re-educação das empresas”
3. Quais as nossas perguntas sobre o futuro?	18	“A sociedade mediana”
O papel da sociedade civil organizada		“Enfrentamento das desigualdades sociais”
Relacionamentos entre sociedade civil organizada		“Integração de agendas”
		“Mosaico”
		“A influência da academia”
		“Olhando para o resto do mundo”

1 . O que nos preocupa?

Se o futuro for ruim para as ONGs, vai ser ruim para a democracia, a sociedade e a economia do Brasil.

Sustentabilidade financeira das OSC

“Precisamos tratar das condições de sustentabilidade das organizações que atuam neste campo de democracia. Vivemos um cenário bastante adverso, tanto para quem busca recurso da cooperação internacional, quanto para quem busca captar recursos internos do próprio país. Ao mesmo tempo não é um caminho simples de acesso a fundos públicos no Brasil.”

“As organizações tem que ter qualidade de recursos humanos. São serviços difíceis de serem prestados, não é para ter tanta improvisação. Aí elas enfrentam um problema sério, a questão do financiamento. Para ter recursos humanos qualificados e comprometidos, precisa remunerar adequadamente estas pessoas. Como elas vão se financiar?”

“Quem está pagando salário entre os financiadores? Quem está viabilizando planejamento estratégico, capacitação, infraestrutura? Muitas vezes há recursos para ações da ponta, mas não pode viabilizar as ações que são meio, que são fundamentais.”

“Temos um cenário que não tem se mostrado favorável para as organizações e estamos num caminho de nos tornarmos prestadores de serviços, o que acaba

com a missão das organizações. Acabou-se com a possibilidade de inovação das organizações. A sustentação financeira para inovação está muito pequena. O grande desafio que temos é como manter a missão de inovação diante dos desafios sociais com sustentação financeira.”

Fragmentação

“É mais fácil, tocar a vida, um programa, um projeto, do que se unir para fazer. O pior é a gente se proteger e ficarmos cada vez mais fragmentados e fazendo sozinhos. Qualquer coisa que se faça sozinho em um território é ineficiente, pobre, não atinge seus objetivos. Construção não se faz sozinho.”

“É o discurso de uma pauta “x” em detrimento de outra. Foi muito importante que as pautas de identidade de gênero, raça, etnia, conquistassem espaços próprios. O problema é que muitas vezes isso se dá em detrimento de pensar o tema de uma forma mais ampla. Na conferência de mulheres, uma agenda que deveria ser para as mulheres como um todo, passou a ser para as negras, lésbicas, quebradeiras de coco... se perdeu a dimensão do gênero e fica muito mais exclusiva do que inclusiva.”

“Analisando os investimentos das empresas vemos que é muito dinheiro em uma agenda muito restrita e o impacto é limitado. As empresas estão agindo isoladamente em mesmos territórios e estão descoladas de uma Agenda Brasil.”

“Esses movimentos, os protestos de hoje representam muita coisa fragmentada e manifestam uma inquietude inespecífica, tem uma força inespecífica. Não sei como acessar a inteligência das ruas.”

“Seria necessária uma nova cultura do setor social, de que a diversidade é uma oportunidade. Devemos insistir com uma nova visão, não dizendo que “se ele estiver eu não estou, no baile que ele dança eu não danço”.

Criminalização

“Tem uma tendência de achar que ONG tem corrupção, tem mal uso de recursos, isso foi muito orquestrado, ainda está na cabeça das pessoas. A percepção é que as ONGs ou são corruptas ou são muito radicais.”

“O uso indevido e inadequado que se deu das ONGs como prestadoras de serviços abriu caminho para a corrupção. O problema não está no marco legal e a solução não seria flexibilizá-lo. O problema está no uso indevido que se fez do marco legal, da relação com ONGs. ONG parece que é sinônimo de corrupção, quando na verdade o problema estava no balcão que usou incorretamente este setor.”

“Não são apenas os movimentos sociais tradicionais dizendo que estão sendo criminalizados. O que se fez com essa movimentação que ocorreu de junho para cá, foi um processo de criminalização gritante e bastante enfático, por parte da mídia e do judiciário. Temos jovens respondendo por processos na delegacia de polícia por que estavam nas ruas.”

“Uma restrição é o processo da criminalização. Tanto na etapa mais ideológica, quanto os meios de comunicação e a imprensa tratam mais pejorativamente os movimentos populares. Tem a criminalização mais

simbólica e a criminalização de fato. Um monte de gente foi presa por que estava levando vinagre na mochila, tem muita gente que esta respondendo processos.”

“A palavra ONG hoje em muitos lugares está estigmatizada. Isso barra, atrapalha e desmotiva outras organizações. A primeira arma é mostrar a transparência, mas mesmo assim a credibilidade de todo o setor afeta. ”

Relação Estado-sociedade civil

“As instituições dizem “Olha, a sociedade não está capacitada para nos entender e entender a lógica de governo”. A minha resposta é “Bom, estaria o governo entendendo qual é a lógica da sociedade civil?”. Quando falo em aprendizado, é um aprendizado duplo.”

“Estamos num momento de indefinição em relação à relação sociedade civil – governo. Estamos num momento em que as coisas podem virar para um lado ou para o outro. O governo acabou de tomar consciência da importância de se abrir mais. Qual é o papel que vou dar para estas organizações? Não deve ser uma coisa a posteriori.”

“Havia um discurso de que “Nós somos Estado, não podemos exercer o papel controlador”. Ficou aquela coisa dúbia: sou Estado, mas sou sociedade civil. A fronteira ficou difusa entre governo e sociedade civil. Dez anos depois, 2013, essa separação começa a se fazer de novo.”

“Teremos que abrir o leque para esse campo grande das organizações sem fins lucrativos, que são mais prestadoras de serviço e parceria (creches, hospitais, serviços básicos, saúde, educação e assistência) e essas outras ONGs que tem mais o caráter de ator político, com gente que está pen-

sando, propondo, experimentando novas formas de fazer. Como que essas duas facetas se relacionarão com o Estado?”

“Até agora a sociedade civil tem servido em boa parte para passar um verniz de democracia nos governos de plantão. A sociedade civil só é consultada quando é necessário dizer “Ah, o governo ouviu a sociedade civil”. Nos últimos dez anos a maioria dos movimentos sociais, sindicais e da sociedade civil deixaram de cumprir seu papel e passaram a ser um escudo protetor do governo. Não pode ser uma sociedade civil que concorde com tudo o que o governo decide. Governo é governo, sociedade civil é sociedade civil e movimento é movimento.”

“Não importa se a sociedade civil apoiou o Estado. Por isso mesmo deve cobrá-lo.”

Cooptação

“Por certa ligação com um governo mais progressista, parte da sociedade civil é absorvida e fica difícil de se posicionarem frente à reivindicação do status político deste processo.”

“Eles acham que, se tem financiamento público, estou cooptado. As organizações da sociedade civil podem ser financiados por recursos públicos desde que seja de interesse público. Podem ter uma independência e ao mesmo tempo uma capacidade de diálogo. “Eu não dialogo pois sentar numa mesa é cooptação”: Este medo da cooptação é complicado. As ONGs tem que aprender a lidar com o Estado, e ter uma abertura ao trabalho conjunto.”

“Essa capacidade que a sociedade civil organizada tem de escutar a diversidade e gerar soluções co-criadas com a

sociedade dificilmente é conseguida em uma política pública ou com uma empresa. É uma oportunidade para ambos os setores, tanto governo quanto sociedade, aproveitar essa capacidade. Mas isso significa apostar na expertise da sociedade civil, e não cooptá-la para uma prestação de serviço mais barata.”

“Não vejo no governo nenhum discurso que chegue ao ponto de resolver problemas de sustentabilidade das ONGs, criando uma determinada relação em que a ONG possa continuar a fiscalizar o governo. Como o governo passar a financiar a sociedade civil sem que a sociedade civil perca a sua independência do Estado? É o “x” da questão.”

O tratamento das minorias

“O nosso papel é trazer para a cena pública grupos sociais que, na nossa cultura, não estão lá. Nossa cultura quer abafar isso. A sociedade não quer lidar. Mostramos que tem pessoas que fazem parte da sociedade.”

“Os povos indígenas não tem representação no Congresso Nacional. Muitas comunidades não conseguem ter uma participação efetiva no futuro do país. Os conhecimentos não estão sendo valorizados.”

“A população perseguida hoje no Brasil é a LGBT. A sociedade civil organizada nessa demanda é importante para trazer voz para isso. São redes de organizações que falam que o índice de homicídio por causa LGBT é enorme. Se não forem organizações trabalhando em rede com os núcleos de direitos de minorias é bastante complicado.”

“Quem dá dinheiro para mulher, negro, índio? Nobody.”

A tendência conservadora

“Um elemento forte que não dá para desconsiderar é este conservadorismo todo, este fundamentalismo religioso está criando uma pauta conservadora na nossa sociedade, um campo político de direita conservadora. A organização desta pauta está sendo organizada a partir de um ponto de vista não político, mas religioso.”

“Eu estou entendendo que essa dicotomia de olhar a sociedade entre a bandeira vermelha e a azul e verde está passando por uma mudança. A sociedade está bastante cansada disso. O que a imprensa Ninja está fazendo é extremamente saudável e salutar. E quem não souber fazer a leitura disso vai ficar para trás e se perder na poeira da história. A única coisa que eu temo muito é que isso possa virar um processo extremamente conservador.”

“Podemos ter vários retrocessos. O movimento contra a corrupção que foi as ruas pode dar asas para visões moralistas e conservadoras.”

2 . Quais forças influenciam esta história?

Novas formas de organização da sociedade civil

“A gente sempre aprendeu a conhecer a sociedade civil através dessas instituições que a gente milita, atua, ou se relaciona. A gente sempre esperava que, se surgisse algum movimento, seria por aquela via e mais ou menos aquele rito que sempre foi. Até junho. O que aconteceu nos coloca em xeque. Você via as notícias por ali e não conseguia enxergar essas instituições ali representadas. Eram outras pessoas, que a gente não sabia quem era.”

“Na década de 70, colher um milhão de assinaturas para aprovar o Fundo Nacional de Moradia era uma coisa quase que utópica. Hoje, para quem vem deste movimento que não é um movimento, ela está nos dando sinais de que novos tempos virão, novas formas de luta, novos instrumentos e cabe a nós fundamentalmente saber ouvir, participar, e entrar neste processo.”

“Está surgindo uma geração de organizações com outro formato organizativo e de financiamento. E as organizações mais tradicionais então buscando formas de se recolocar. Nesse “novo” a gente tem dificuldade de ter precisão se é uma empresa ou uma organização da sociedade civil.”

“A participação hoje real, não acontece mais simplesmente pela relação institucional, as pessoas se identificam por uma causa, que pode ter relação institucional ou não. Nas mais diversas situações é

uma relação por um grupo de confidencialidade. Você confia naquele grupo e naquela proposta e você vai dedicar o seu ideal naquela proposta. As redes sociais permitem isso.”

“Do lado da juventude a tendência é de arranjos independentes e efêmeros. São formas mais leves, inclusivas, em grupos menores, então é mais fácil trabalhar, tem uma relação pessoal, o que se perdeu em muitas ONGs.”

“Não querem ter institucionalização mais estruturante. Isto é muito interessante. Aonde vai dar? Tem uma perspectiva da atividade auto-gestionada, autônoma e de foco fechado, quer dizer, não tem nenhuma negociação que mexa nos princípios e objetivos deles.”

Novas tecnologias

“O tema das novas tecnologias é vital. É óbvio que a sociedade civil precisa dar conta de dialogar com o movimento da sociedade do conhecimento e das tecnologias para poder estabelecer vínculos com uma geração que não é mais uma geração que está no comando da sociedade civil.”

“Na doação individual teve uma mudança de dois anos para cá, a gente vê sites de crowdfunding surgindo. Não sei ainda qual o potencial que vão ter de forma efetiva, mas você vê organizações conseguindo captar recursos de pessoas físicas com sucesso.”

“É o vulcão, é o terremoto que está transformando tudo, esse terremoto tecnológico.

Novas gerações

“Hoje a juventude está num ciclo em que, do ponto de vista da sociedade do conhecimento e da tecnologia, eles são os atores com a maior capacidade de transformação. Em outros ciclos isso não é tão assim.”

“A geração Y já nasce num Estado brasileiro democrático. Nascemos numa geração em que tudo é para ontem, com acesso à vídeo game, internet, computadores, o que fez com que nos tornássemos muito ansiosos, impulsivos e bem consumistas. Essas atitudes geraram outras, que é não pensar tanto no amanhã, mas pensar no hoje. Compartilhamos uns com os outros a informação. Isso vem muito por conta da tecnologia em si, por ter possibilitado que pessoas que nunca se viram na vida possam trocar informação. Construímos com solidariedade, com compreensão, com união, ao mesmo tempo em que tem o individualismo e o egoísmo.”

“O jovem dessa geração quer fazer algo pelo qual ele seja reconhecido e respeitado, mas ao mesmo tempo não quer perder a vida em função disso. Quero viver, ter lazer, ter oportunidade de ajudar as outras pessoas e, fazer uma coisa que, por algum momento da vida eu me formei, me engajei e lutei para alcançar.”

“Em vários destes projetos que temos Brasil a fora, tem um envelhecimento das direções dos movimentos. A medida que começamos a fazer a articulação dessas diversas redes a gente começa a dialogar com a juventude que está na base destes projetos, para oxigenar essas direções.”

“Acho que tem uma velha guarda que não está percebendo o que está acontecendo.”

Desenvolvimento econômico

“Houve 57% de aumento do nível de renda em uma década. Os 10% mais pobres ganharam 90%, os 10% mais ricos ganharam 17%. Gerou-se este processo revolucionário da estrutura antiga do Brasil. As pessoas acordaram para os seus direitos. Ninguém mais fala “sim sinhô”.

“Chega um momento em que essas mudanças pedem mudanças mais estruturais, ou seja, a democratização econômica que se gerou pede uma democratização política.”

“A conjuntura positiva do país do ponto de vista dos indicadores econômicos faz com que haja uma crise de financiamento das organizações. A cooperação internacional, se não abandona essas organizações, passa por uma mudança de agenda.”

Modelo de desenvolvimento

“Os movimentos começam a tomar consciência que para superar e para de fato atingir as demandas que eles almejam é preciso fazer uma discussão do Brasil que queremos e do modelo de desenvolvimento que queremos para próximos 10 anos.”

“A gente pensa muito em modelo de desenvolvimento pautado pelo consumo e não pela cidadania e isso gera um conjunto de problemas. O discurso precisa mudar para que tenhamos modelos de desenvolvimento de fato societários. Já vi modelos e projetos que se pautam não pela lógica do consumo e sim de inclusão pela cidadania.”

“Nunca haverá uma redução da desigualdade com estratégias afirmativas enquanto o social, o ambiental e o econômico

não forem entendidos como em condição de equivalência. Simplesmente retirar as pessoas da condição de pobreza e criar padrões mínimos de inclusão produtiva não dá conta de reconstruir uma sociedade que desnaturalizaria a desigualdade.”

“Como que o governo toma tanto risco financiando o Desenvolvimento Econômico e com o Social não?”

“Quem vem questionar algumas coisas é como se tivesse vindo na contramão, na hora que o país está crescendo.”

Mídia

“Nas manifestações, tinha um caldo bem rico de proposições, falas, de pessoas pensando e a TV filmava o tempo inteiro os casos de vandalismo. A mídia ajuda a transformar os casos de exceção em regra.”

“Muita gente foi para a rua pela primeira vez, chamado pela Rede Globo, então foi um processo meio despolitizado. As pessoas iam para a rua, sem saber muito o que falar, levavam a bandeira do Brasil porque era a única que tinham em casa.”

“Quando a mídia vira a chave no dia 14 logo pela manhã, a mídia teve um papel fundamental. Até aquele dia, todos eles juntos, Estadão, Folha, mandavam dar porrada mesmo. E de repente, no dia 13, quando teve aquela grande repressão e muitos jornalistas saíram feridos, alguma coisa mais aconteceu, porque não é somente com alguns jornalistas feridos que se muda um editorial. Achemos que a Globo quis ser protagonista e chamou para a rua.”

“Não queria que uma coisa tão viva e tão pulsante como aquilo sofresse a manipulação de mídias.”

“Nossa imprensa não é livre, quando você tem grandes famílias que controlam todo o sistema e bloqueios à entrada de novas mídias, você tem uma deformação. Sociedade não informada não participa. Ela se revolta, mas não se organiza.”

“A Globo e a Veja não convencem mais tanta gente. A credibilidade está caindo. As multcredibilidades e os multifiltros estão se instalando. Está confuso por que a gente está vivendo esse momento, mas não tem como voltar a ser concentrado, ninguém vai querer viver isso. O acesso à informação está dado e é muito difícil imaginar que a gente vá retroceder nisso.”

“A mídia tradicional tem um poder muito grande, porque não há regulamentação sobre o direito de resposta. A mídia sofre de uma histeria institucional que contaminou o judiciário. A partir disso, tudo pode ser escandalizável e há certa espetacularização. Isso somado à criminalização das organizações de defesa de direitos é um prato cheio para ir ao sabor dos interesses.”

Poderes econômicos

“É perigoso que o governo seja mais colonizado ainda pelos grandes grupos econômicos, nacionais e internacionais. Estamos em um planeta que se globalizou, onde os espaços de decisão nacional se restringiram bastante, então uma forma de luta que se deu é diretamente das corporações, via governo, contra o movimento social. Acrescente isso ao controle da mídia pelas famílias que controlam tudo o que é significativo de mídia de massa e que estão alinhados com esses interesses das corporações, porque são elas que as financiam através da publicidade, então você tem o fecho do circo.”

“A minha maior preocupação é como o poder econômico é violento e impositivo.”

vo, quando se organiza em Estados nacionais em processo de consolidação democrática. O presidente das organizações Globo fala direto com o presidente da República.”

“Se a hegemonia das finanças continuar acontecendo, todas as características deploráveis do capitalismo serão multiplicadas. Para começar a competição. Ela é vista como uma coisa extremamente sadia. Eu tenho impressão que é uma continuação de uma época onde consideravam as guerras sadias.”

Desigualdade

“O trabalho árduo dessa população, as condições desiguais de transporte e mobilidade, a exclusão de serviços básicos, acaba acarretando quase tempo nenhum para as iniciativas associativas. A população não precisa de esclarecimento, elas sabem que duas horas no ônibus é uma sacanagem. Não precisamos nós os intelectuais irmos, num processo de formação e esclarecimento, dizer que eles estão sendo explorados para retirá-los da falsa consciência.”

“Hoje, quando se discute a relação Estado e sociedade, estamos falando de sociedade organizada, associações civis constituídas, com capacidade de interlocução com o governo federal, cada vez mais reduzindo a compreensão de sociedade. O debate está muito sofisticado e reproduz muito as segmentações e desigualdades sociais.”

“Quando você tira 40 milhões da miséria, as pessoas despertam para os seus direitos e isto deve ser aproveitado e não reprimido. Desloca a visão desse núcleo executivo do governo de que o que importa é com eficiência chegar a resulta-

dos, e passa a compreender que o que importa em grande parte é o processo de construção destes resultados, e isso se chama democracia.”

Diversidade

“O Brasil é muito grande muito diverso e muito múltiplo. A gente precisa de muitas organizações de muitos tipos para dar conta.”

“Não há um único projeto de sociedade. A sociedade civil é a diversidade. Acredito na sociedade civil como um espaço de contradição.”

“A própria sociedade civil é muito diversa. O Estado entende que, se nem a sociedade civil sabe o que quer, então ele não pode fazer nada. Ele usa essas justificativas para não avançar, mas ao mesmo tempo é natural e saudável que não tenha uma coincidência necessária de interesses. A disparidade de interesses pode ser a justificativa para a inação do poder público.”

A religião

“O jurídico e a religião estão ambos a serviço de agendas que dificultam a construção de um espaço republicano democrático. Estão judicializando processos e fundamentalizando situações que conduzem a estados de intolerância. Os tecidos sociais de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo estão se configurando com ocupações religiosas. Você entra numa favela e vê as aglomerações sociais se dando em função da religião, o que é patético em termos de projeto de sociedade.”

“A igreja católica foi o grande abrigo da resistência ao regime militar e depois, no processo de redemocratização, ela foi o berço de uma série de organismos e mo-

vimentos. Mas a movimentação conservadora e o próprio declínio da influência da igreja católica faz com que ela deixe de ser um ator aliado dentro deste processo. Por exemplo, onde estava a igreja agora nestas manifestações? Qual foi a fala do cardeal de São Paulo?”

A luta

“A grande transformação social se faz através de processos de luta, de discussão, de avanços e tentativas na sociedade civil, organizada e não organizada. Na medida em que a sociedade civil organizada avança ela organiza pedaços da sociedade que não estavam. Este movimento contra o aumento das passagens de ônibus atraiu milhões de pessoas que não tomam ônibus e nem estavam incomodados. Este processo de adesão me deixa otimista.”

“Aprendemos que tem uma necessidade das comunidades indígenas acordarem para qualificar sua atuação como movimento. Focando na formação mesmo das lideranças. Vivemos um cenário onde os indígenas eram considerados incapazes para um cenário hoje onde nós ocupamos um espaço de protagonistas. Isso foi construído com muita luta.”

“Falar de avanço é complicado, porque quando a gente vê os dados a gente ainda vê uma diferença muito grande entre a população negra e a população não negra no que diz respeito às vantagens. Os avanços e fortalecimento da agenda tem mais à ver com o empenho das diversas frentes do movimento social negro, que é bem diverso, e menos de uma política de Estado estruturada.”

“Hoje as questões estão centradas no urbano. Como trazemos as preocupações do meio rural? No meio rural, a terra é instru-

mento de poder. O que queremos ter direito ao pedaço de terra mas com tudo o que tem dentro, rios, coco babaçu, as riquezas naturais. Há uma luta para reconhecimento das comunidades quilombolas que temos há muitos anos. Queremos territórios reconhecidos, demarcados e legalizados.”

“Eventos são eventos, mas o que faz diferença é a ação coletiva organizada. As mídias sociais são importantes mas a gente não super valoriza o papel delas. Precisamos ter organização concreta e debate político cara a cara. Porque quem controla o Facebook também não é o povo.”

“Bons blogs dificilmente ajudam a transformar o mundo. Na política você tem que disputar com outra pessoa e, mesmo que você não concorde 100% com ela, você tem que estar com ela para fazer a construção de maiorias.”

Criatividade e inovação

“Os novos problemas que enfrentamos hoje, como problemas climáticos e outros, precisam ser resolvidas de formas inovadoras. E não podem ser resolvidos só pelo Estado. Precisa de ações fortes da sociedade, até na inovação e busca de novas estratégias.”

“O mundo atual precisa de pequenas guerrilhas e vitórias incrementais. Depois de muitas experimentações encontrar pequenas descobertas. Não sabemos quais são as alavancas, então talvez eu precise abrir 50 projetos para descobrir quais são elas.”

“O lugar da inovação nesta confusão do marco regulatório é o pior lugar. O nosso dia a dia é duro, é um custo muito alto. “Estamos próximos do governo, mas estamos sem dinheiro. ONG que faz inovação é muito raro.”

“A democracia é feita de consensos e descensos. E, neste momento, para evitar que se formem consensos conservadores, a necessidade do descenso se torna ainda mais forte. A pressão se faz a partir de formas tradicionais e de formas alternativas de mobilização e de financiamento dessa mobilização. Uma das frases interessantes de 68 e que deve permear sempre quem está no movimento social é: “a criatividade no poder sempre”.

“A criatividade das manifestações deixou as pessoas perplexas.”

Novo papel das empresas

“As empresas estão mudando em seu discurso por conta de um profundo questionamento do modelo de desenvolvimento. Existem limites e vai se colocando uma cultura que exige que as empresas se recolquem. A tendência é de chegar um momento em que as organizações da sociedade civil vão ter que estar criando diferentes diálogos com este mundo empresarial.”

“Não tenho expectativa hoje que a resposta para a captação de recursos venha do campo empresarial, por conta de uma visão negativa da capacidade da sociedade civil em gerar transformações efetivas e uma demanda crescente de articulação do investimento social com as áreas de negócio. O investimento não está piorando, mas está caminhando para um lado que não reforça as organizações da sociedade civil.”

“O investimento social privado será cada vez mais criticado pela sociedade quando está orientado para atuar de forma compensatória em função do impacto que a natureza da empresa realiza. Uma mineradora que constrói um investimento social privado que está muito mais orientado para

compensar os efeitos da sua ação corporativa, algo que deve ser encarado pela empresa, não dá para colocar isso sob o nome de investimento social privado. Atuar na mitigação dos efeitos das atividades do negócio deve estar na pauta do negócio. O investimento privado está orientado para aquilo que vai além da fronteira do negócio.”

Cultura de filantropia

“O que pode ser promissor são doações individuais, que tem espaço para crescer. É algo que está no início e tem sinalizações interessantes, desde ampliar a capacidade de captação direta, até mecanismos mais criativos de direcionamento de nota fiscal, de arredondamento, um monte de ideias que estão pipocando e que tem potencial de gerar recursos mais expressivos. Tem também o investimento familiar, que tende a crescer, só que é muito próximo do empresarial, porque são famílias empresarias que abrem capital e criam suas fundações.”

“Existe uma visão hoje mais negativa do grantmaking nos EUA e as fundações americanas estão mudando sua estratégia, seja se tornando mais operadoras, talvez porque tenham menos recurso, seja porque estão começando a olhar para mecanismos de mercado, como negócios sociais e de impacto. Talvez existam mecanismos de mercado que sejam mais efetivos para dar conta do que a filantropia mais clássica costumava dar.”

Liderança

“O espaço real que nós vamos conquistar vai depender muito do perfil de cada um dos maiores dirigentes. O primeiro é o presidente da república.”

“Os atores envelheceram e estamos correndo risco de não se renovar no processo

e acabar por permitir que as instituições envelheçam e tenham um corte geracional. Como uma sociedade civil, que foi tão organizada em torno de ícones e personagens que foram muito relevantes na nossa história, faz a transição para não contaminar a institucionalidade com o seu envelhecimento?”

“Os formatos organizacionais mais horizontalizados, impedem que a gente consiga ver lideranças mais significativas.”

“Uma organização baseada em uma liderança não é nada. As entidades estão assinando a sua insustentabilidade, política, financeira e da própria missão. Tem que ser liderança compartilhada, colegiados. Acho que isso gera mais dinamismo, outras visões, conhecimentos, provocações.”

“As lideranças indígenas estão envolvidas em muitas atividades e reuniões sobre educação e saúde que sobrecarregam, que demandam muito tempo, e a luta pela terra fica esquecida enquanto ela deveria continuar sendo o foco. As agendas acabam dificultando a militância cotidiana.”

Governança

“O tempo da gestão pública é mais demorado, mas eles também não são tão exigidos por isso. A conferência de segurança pública, por exemplo, tem as mesmas recomendações há cinco anos. Porque?”

“O básico é o que a gente chama de “governance gap”, um hiato de governança, uma sociedade que perdeu as rédeas sobre o que acontece. O quadrilátero entre poder das corporações, fragilidade dos Estados Nação, desarticulação do sistema multilateral, e um tapa buraco por Organizações da Sociedade Civil, essa gambiarra que foi resultando e nunca foi pensada, este negó-

cio foi para o brejo. O esquema está desarticulado e nós estamos a procura de resgate de sistemas de governança.”

“Praticar relações com Estado não significa necessariamente e não deve necessariamente significar ser tutelada pelo Estado – pode ser autônoma e ter relações de parceria. Na sociedade civil existem conhecimento, saberes, práticas que podem enriquecer políticas públicas e para trazer isso não precisa cooptar as organizações. O que se quer construir com o novo marco regulatório no fundo é construir relações de interdependência, preservando a autonomia de ambos os entes.”

“Desde 1968 nós temos um cenário que é favorável à descentralização e participação das pessoas, mas qual o resultado efetivo? De fato temos algo realmente enraizado, ou o que nós estamos vendo é apenas a repetição de ritualismos participativos?”

Esferas de participação

“As pressões são diferentes para cada esfera da federação. Hoje existe um peso muito grande sobre a questão da participação em duas esferas: nas esferas federal e municipal. A esfera Estadual está esvaziada em termos de participação. O modelo de descentralização de política joga apenas para dois polos (federal e municipal) o ônus de uma cobrança mais direta sobre participação.”

“A cidade se tornou um lugar privilegiado de construção de processos democráticos descentralizados.”

“Porque os Estados são menos permeáveis à interação mais forte com a sociedade civil? Porque a sociedade civil consegue avançar mais na luta por direitos nas esferas municipal e federal? Os Estados

são responsáveis pelas esferas da Educação e Segurança e onde estão os piores problemas da nossa sociedade? Quem é que briga por R\$ 0,20 pelo transporte? É o jovem. É ele que está querendo ser ouvido e, quando é ouvido, é encarcerado pelas fundações estaduais. A sociedade civil não vai conseguir avançar sem desatar o nó górdio da questão dos Estados. Eles são responsáveis por entregar políticas extremamente focadas nos jovens, de quem as emergências estão chegando.”

“Precisamos ampliar a nossa noção de espaço e de esfera pública. Existe o espaço virtual e o normal, que precisam ser ocupados. E existem novos movimentos e articulações que conseguem acompanhar estes espaços. Podem se tornar mais perenes ou podem ser efêmeros, mas o importante é que esses espaços estão sendo colocados. O limite do possível é muito mais amplo do que aquilo que a gente está imaginando.”

Burocracia

“A preocupação hoje com a aplicação do recurso público no Brasil é maior, e isso é bom. A parte ruim é que o processo de criminalização vem de um cipoal normativo, de gestão e de relacionamento do Estado com as organizações, que criou um aparato extremamente desproporcional para fazer parceria. Hoje, no BNDES, se cobra a mesma coisa da Volkswagen e de uma cooperativa que vai fazer um projeto social.”

“Há um processo de seleção das que se adaptam melhor a este ambiente burocrático e não necessariamente das que realizariam o melhor trabalho.”

“Uma ONG não pode contratar outra, mesmo se esta outra estiver mais apta. Tenho que escolher alguém que vou conveniar

que tenha capacidade técnica, financeira e tudo o que precisa. Eles podem contratar pessoas e não entidades. Uma prefeitura não pode contratar uma ONG. Uma ONG que nós conveniamos não pode colocar na lista de despesas o custo do trabalho dos seus próprios militantes, porque seria lucro. Que regras são essas?”

“É impressionante como existe uma disseminação de regras estúpidas em relação à sociedade civil.”

Transparência

“A transparência tem que partir do próprio terceiro setor. Porque não ser transparente? Não tem motivos para o terceiro setor não ser transparente. Todas as organizações tem um site, muitas exigindo transparências dos convênios, ainda mais com a lei de acesso à informação, mas elas mesmas não fazem isso. Acredito que isso não acontece por falta de saber como fazer. Acho que é falta de vontade ou de interesse.”

“A sociedade em geral desconfia. Num cenário de confiança as pessoas podem ser mais altruístas, confiando em algumas instituições para fazer um trabalho nos lugares onde o Estado não necessariamente está. Para criar essa confiança a sociedade civil deveria ter maior transparência em relação à origem e aplicação dos recursos.”

“Até nas organizações de controle social que a gente atua, lutamos tanto por transparência, mas no site de muitas organizações não tem uma simples prestação de contas.”

Cultura e consciência

“Tem uma situação no momento em que o jovem nega o trabalho. Isso é muito mais intenso nos lugares que tiveram mais es-

cravidão e onde houve menos imigração estrangeira. O imigrante contou com muita coisa, não encontrou nada do que foi prometido e teve que se aliar e cooperar para que as coisas pudessem acontecer. As pessoas contavam com elas mesmas, não tinham escravos, tinham uma tecnologia de trabalho e tiveram que cooperar. Porque que existem tantas associações e conselhos no sul? É só olhar para a história.”

“Existe a herança de um colonialismo, de uma sociedade escravocrata, machista, que estão em todos os buraquinhos das estruturas que nos cercam. Enfrentando esses problemas estruturais começa a haver igualdade, para então as pessoas, com direitos, se auto-regularem.”

“O campo de direitos é um campo que nunca termina. Na medida em que as organizações conquistam espaços e alcançam mais direitos, estes direitos se tornam mais complexos e vão exigindo novas formas de expressão. Direitos são conquistas e se fazem por luta. Há um espaço a ser conquistado e, com criatividade, se consegue garantir isso. Por exemplo, a luta das mulheres pelo parto domiciliar. Até bem pouco tempo a luta era para ter assistência universal, agora está indo para outro tipo de luta, que é a ideia de ter um parto mais humanizado, dentro de um local de livre escolha.”

“Talvez o que sempre tenha faltado no Brasil é uma elite mais engajada. Vejo uma elite muito passiva.”

“Tem um país real e um país da novela da Globo. Temos milhões de pessoas no mundo da novela. No meu futuro não tem novela. Sai dessa anestesia!”

“O que mais atrapalha a gente é essa coisa do medo, da descrença do é possível. É

muito generalizado este medo, as pessoas nem se quer entendem que existe outro caminho sem ser da escola para a faculdade, depois, mestrado, doutorado, MBA, emprego, casamento, filhos e morte. É a única trajetória possível de vida. Se eu quiser ser qualquer outra coisa eu posso me reinventar, não concordar com isso e querer fazer diferente. Ainda estamos neste nível de colonização.”

Modelos mentais da sociedade civil

“As pessoas acreditam que por terem escolhido trabalhar para o social, por terem boas intenções, são melhores e por isso acham que suas premissas não podem ser questionadas. Este modelo mental está condenando este setor, que se fecha acreditando que quem está dentro dele é melhor do que quem está fora. Além disso isso tira de nós o olhar da avaliação, o olhar analítico, da busca por fazer melhor, da curiosidade por trazer dados de fora, da aprendizagem.”

“Saber lidar nas polaridades e se envolver num contínuo é um amadurecimento muito necessário para a sociedade civil. A sociedade está complexa demais para ficar na polaridade. Você tem que incluir. Esse movimento de caracterização pela diferença, pela singularidade, não dá mais. Esquece! A caracterização deve ser pela sua facilidade em se permear e se misturar na sociedade, colocando questões legítimas e verdadeiras. Uma ideologia baseada da diferença não ajuda, fragmenta.”

“Historicamente vemos que o movimento de esquerda não tem uma coesão e a direita vem ganhando esse jogo. Nós temos críticas a esquerda, mas não dá para debater agora. Não dá para dizer que não existe esquerda-direita agora, pois a coisa está pendendo para a direita, então temos

que puxar para a esquerda. Acho que caminhamos para um futuro de centralizado e descentralizado, mais do que direita e esquerda. Mas não estamos maduros para fazer esse debate ainda.”

Educação

“Os movimentos sociais brasileiros nasceram nas escolas. Foram iniciados por estudantes. O fato concreto é que o acesso à escolaridade aumentou enormemente no Brasil, desde Lula para cá. O ambiente nas escolas que eu conheço é liberal. Tem espaço para os alunos organizarem debates, eventualmente fazer greves políticas.”

“Nós temos como professores a capacidade de suprir este imenso gap informativo de uma população que entende de seus sofrimentos, mas não entende das soluções, não tem os canais. Não podemos continuar a publicar em revistas que tem 800 exemplares, dão pontinhos na CAPES e morrem nas bibliotecas.”

“A voz da universidade é muito conservadora e muito fraca. Não tem eventos, publicações, visibilidade, uma discussão mais qualificada, não coloca esses temas. Cadê a universidade propagando esse debate, menos conservadora e mais engajada, atuante? Ela sempre pareceu algo a serviço das oligarquias, num status de rainha da Inglaterra, aquele mito do saber.”

“As tecnologias de informação e comunicação permitem que você tenha sua editora em casa e se abre um espaço de comunicação horizontal entre as pessoas. Gera uma dinâmica de cientistas que não trabalham simplesmente para serem reconhecidos por colegas, mas sim para influir e dar instrumento de trabalho, análise, enfim, de formação para movimen-

tos sociais, empresas, governos... Existem professores criando seus blogs e todos trabalhando com creative commons. É uma imensa oportunidade do direito ao acesso aberto à ciência e ao conhecimento, que casa com o fato de nos processo produtivos concretos isso também ter se tornado central.”

Relações internacionais

“Estamos todos, sociedade civil brasileira e de outros países, agências de cooperação para o desenvolvimento e atores sociais, as igrejas, num mesmo patamar de disputa de um sentido e um lugar de ser. Isso é saudável, na medida em que rompemos aquela assimetria de sociedade brasileira dependente dos países no norte e conseguimos desenvolver outro patamar de diálogo com os países desenvolvidos.”

“As organizações internacionais podem fazer reverberar vozes internas e a pressão internacional pode valer mais do que uma pressão doméstica. A voz internacional, num momento que o Brasil quer ser influente nas instâncias internacionais, pode elucidar as vozes internas para problemas específicos. Mas também pode fazer com que o Brasil fortaleça sua voz internacional e tenha repercussão de práticas mais democráticas, pró-cidadão e que preservem os direitos, práticas positivas.”

“O Brasil é surdo não só às vozes locais mas também às internacionais.”

3. Quais as nossas perguntas sobre o futuro?

O papel da sociedade civil organizada

“Qual o papel que as organizações da sociedade civil vão cumprir no futuro?”

“Que impacto a sociedade civil brasileira organizada e o terceiro setor como um todo terão sobre a sociedade brasileira, sobre o povo brasileiro?”

“Quais serão os campos de atuação onde as organizações da sociedade civil serão fortalecidas?”

“Qual será o espaço de organizações e movimentos de defesa de direitos no futuro?”

“A sociedade civil vai ter capacidade de criar um projeto de país? Esses projetos vão ser postos em prática ou não?”

“Quão inovadoras as ONGs vão continuar a se manter?”

“Será que a gente vai vencer a guerra contra o grande monopólio, as oligarquias?”

“Seremos capazes de realmente incluir uma participação qualitativa da sociedade civil que seja realmente incorporada na elaboração e desenvolvimento das políticas públicas?”

“Quanto avançaremos na mobilização da sociedade civil no seu papel no controle social?”

Relacionamentos entre sociedade civil organizada

“A sociedade civil terá a capacidade de se articular em pautas convergentes, que possibilitem de fato um avanço no desenvolvimento social, econômico, cultural, ou seja, na agenda mais estruturante de um novo modelo de sociedade?”

“As organizações consolidadas em suas agendas vão se abrir mais para se deixar contagiar por agendas que são convergentes à elas, como uma esponja que se deixa molhar?”

“Como a gente pode se unir, pois há muitos recursos, mas não existe diálogo? Como é que a gente pode se integrar melhor?”

“Será que a sociedade civil brasileira e internacional conseguirá superar alguns níveis de fragmentação que caracterizam sua atuação no sentido de construir um projeto de futuro que articule as diversas dimensões necessárias para emancipação do ser humano (econômica, social, cultural e ambiental)?”

“Como que a sociedade civil organizada vai se relacionar com outros atores? Será que ela se constituirá como um sujeito histórico, tendo um lugar de ator político?”

Relação com Estado

“Como se dará a relação da sociedade civil com governos e com a política partidária no futuro? Qual o papel da sociedade civil em relação ao papel do executivo, do legislativo?”

“Como fazer com que o governo não se sinta mais importante do que a sociedade civil? Como governo e sociedade civil vão de fato trabalhar juntos contribuindo com as suas melhores funções e expertises para o bem comum? O que vai virar esta chave?”

“Que tipo de visão vai orientar a relação do Estado e sociedade civil nos próximos anos?”

“Como resolver a crise de representatividade? Estamos falando de democracia direta?”

“Será que conseguiremos fazer uma combinação adequada entre os mecanismos participativos e os mecanismos de democracia ou relação de tensão?”

“Como olhar para uma relação de cooperação entre o Estado e a sociedade que esteja para além da transferência de recurso, mas que seja uma relação que possa qualificar, agregar valor para os dois extremos?”

“Como vai estar a jurisprudência do tribunal de contas daqui a 15 anos em relação às parcerias celebradas com o Estado?”

“Como a gente equacionaria essa questão de colaboração com o poder público e ao mesmo tempo autonomia política? Como a gente dividiria com o Estado o sentido público?”

“Esse Congresso Nacional, que agora está suprimindo direitos que foram conquistados, irá satisfazer a nova sociedade civil que está emergindo?”

“Conseguiremos criar um marco regulatório sustentável para a sobrevivência dessas organizações? Que seja claro e facilite as atividades?”

Relação com o setor privado

“Como a gente faz para sensibilizar o setor privado, não para a doação de recursos, mas para sair dessa abordagem assistencialista e gerar ações mais propositivas?”

“Como lidar com o poder das empresas que chegam e tomam as coisas quando as coisas do governo não saem?”

“O setor de investimento social privado se verá como responsável pelo financiamento da sociedade civil? É papel do investimento privado financiar a sociedade civil na sua autonomia?”

“Como a gente consegue influenciar para que as políticas corporativas estejam mais numa Agenda Brasil?”

“Em que medida o investimento social privado, daqui a 7, 8 anos, estará alinhado numa pauta mais arrojada que vá além dos objetivos de cada corporação?”

Relações internacionais

“Até quando a sociedade civil brasileira vai continuar dependente de ajuda de outros países e quando vai poder não só ficar independente mas também ajudar outros lugares?”

“Como vão ser os laços de solidariedade para acabarmos com o egoísmo do nacional, que faz nos preocuparmos com o que está acontecendo dentro da fronteira e não com o que acontece em Cuba ou no Haiti?”

“Qual será o papel das fronteiras da sociedade civil com outra sociedade civil?”

“Qual a responsabilidade que as OSC’s ocuparão nas relações internacionais, não mais como receptoras de recurso, mas como doadoras de políticas e protagonistas, liderando ações em outros países?”

Credibilidade e transparência

“Qual será o nível de aceitação e credibilidade das organizações da sociedade civil?”

“Como a gente garante a transparência no terceiro setor?”

“Vamos conseguir reverter essa agenda de criminalização e transformar numa agenda de valorização e fortalecimento dos trabalhos das entidades como atores importantes da democracia e da participação social?”

“Qual será o desfecho do processo de projetização e de criminalização das atividades das organizações da sociedade civil no Brasil que a gente vê acontecendo atualmente?”

“Como conseguimos para o futuro manter uma perspectiva de acompanhamento, prestação de contas públicas e transparência, mas que, ao mesmo tempo consiga deslocar de uma lógica de reducionismo que tem sacrificado os resultados da política em nome de um check-list de documentos e que vem colocando em cheque a nossa própria forma de cooperar?”

Financiamento e sustentabilidade

“O que vai legitimar a existência da sociedade civil organizada e como ela vai se financiar?”

“Como a sociedade civil vai conseguir financiar os seus processos? Como é que ela pode combinar de forma equilibrada a ação do engajamento voluntário com a profissionalização?”

“Como vai se dar a sustentabilidade numa realidade de ausência quase sistêmica da cooperação internacional?”

“As ONGs vão conseguir ter uma maior aderência na sociedade brasileira em geral, inclusive tendo uma base de sustentação financeira e política na sociedade?”

“Os movimentos sociais negros serão capazes de manter a sua dinâmica de atuação a despeito da precariedade estrutural que vivenciam atualmente?”

“Qual é o futuro do grantmaking? Qual a estratégia que poderíamos lançar mão para fortalecer essa prática?”

“Haverá efetivamente a criação de uma cultura de filantropia no Brasil?”

Impactos do contexto econômico

“Se tivéssemos políticas exitosas de redução da desigualdade no Brasil, os pobres farão organizações da sociedade civil? As inclusões nas políticas públicas produzirão estímulos de participação organizada em estruturas associativas diferentes daquelas que nós conhecemos? A redução da desigualdade promoveria um aumento dos espaços de diálogo e participação?”

“O Brasil vai passar por uma crise forte, ao mesmo tempo econômica e social? Será que o povo vai estar organizado para que a saída da crise seja popular e não uma saída que favoreça os bancos e as elites?”

Desigualdade e diversidade

“Será que essa sociedade, que se supõe minimamente harmônica como a brasileira, dará conta da diversidade?”

“É possível, e como será possível, produzir um processo de integração de territórios urbanos que, simultaneamente reduza desigualdade “intra e entre” nas cidades? ”

“Será que agente vai conseguir enfrentar, ou não, a questão da desigualdade racial neste país? Como?”

“Como as políticas e instrumentos vão chegar àquela população dos atores mais vulneráveis que estão no âmbito da miséria, do mundo submerso na periferia, a esses mais “lascados dos lascados” que talvez sejam aqueles que precisem mais que todo mundo se constituírem como cidadãos?”

“Os diferentes setores da sociedade civil serão capazes de reconhecer o impacto do racismo na organização da sociedade brasileira e se organizar articuladamente para dar respostas à isso?”

“Como os movimentos da sociedade civil podem ser mais inclusivos?”

“Há alguma possibilidade das vozes alternativas se fazerem ouvidas no público mais amplo?”

“O urbano dará conta do religioso no Brasil?”

“Qual será a participação das igrejas no Brasil? As entidades estarão mais ou menos associadas a religiões específicas? Como será a interação entre religião e organizações da sociedade civil? Qual será a importância da religião na organização, manutenção e desenvolvimento das entidades?”

Ética e valores

“Como vai se dar o processo de reestruturação ético-política da sociedade civil?”

“Nesse mundo tão digitalizado, voyeur, com forcas tão diferentes, individualistas, exibicionistas, como que a gente reativa uma discussão e um debate de uma ética para o século 21? Quais são os valores e a ética que são necessários para essa sociedade?”

“Como que a gente faz para, no Brasil, o público não ser mais sinônimo de governo?”

“Como será a relação da sociedade com os recursos naturais que estão se limitando?”

“Será que a gente ainda tem alguma perspectiva de fortalecer as dinâmicas de cooperação e solidariedade entre os indivíduos?”

“Será que conseguiremos fazer mais com menos? Vamos conseguir de fato desvalorizar o material, o ter, para dar valor ao ser?”

“Como podemos desafiar e ensinar a sociedade a viver com auto-suficiência através das experiências das comunidades tradicionais que mostram que é possível ter uma relação harmoniosa com a natureza? ”

“Muitas pessoas já estão acordadas, mas será que a gente vai conseguir acordar essa grande fatia de pessoas que reagem num linchamento, sem ter consciência política.”

A pauta política

“É óbvio que a questão da sustentabilidade será um enunciado incontornável nos próximos 20 a 50 anos, mas será só um state-

ment retórico ou será uma dimensão real de política, na pauta da agenda de cidades e países? Se for, como será?”

“Qual será a atuação dos governos com os recursos naturais? Como pensar na sustentabilidade dos projetos econômicos num cenário de limitação de recursos naturais?”

“Qual vai ser a agenda de 2014, do ponto de vista da participação da sociedade civil em definir prioridades programáticas e passar de uma discussão simplesmente de partidos e candidatos para uma participação de programas de visão e de futuro?”

“Será que ainda no futuro nós vamos continuar vivendo com esta polarização no Brasil do que é esquerda e do que é direita?”

“Será que vamos construir de fato soluções legislativas e não só legislativas que consigam responder à regularização do trabalho para a cultura e várias outras áreas? Nos próximos dez anos, será que essas redes, esses coletivos, esse modus operandi de trabalho colaborativo coletivo, associativo, de economia solidária, vai vingar?”

Novas formas de organização

“Que perfil de organizações vai existir em quinze anos? Que concepção de organizações que não existem, ou que não estamos reconhecendo hoje e que vão existir?”

“Vamos ter mais coletivos informais atuando, ou vamos criar caixinhas para os coletivos informais?”

“Qual vai ser o impacto desse novo sujeito atomizado, que surge nas redes e que é muito diferente dos processos de ação coletiva que conduziram a política na formatação da sociedade civil brasileira?”

“Até onde as direções, os diretores, chefes, coordenadores vão deixar de perceber que a hierarquização contribui para um afastamento de muitos perfis, principalmente da juventude, da sociedade civil organizada?”

“Haverá suficiente mobilidade nas lideranças das organizações sociais, ou elas estarão muito ainda vinculadas ao seu fundador, ao primeiro diretor, ao presidente, que é o captador? Quanto as organizações da sociedade civil abrirão seus conselhos e se deixarão influenciar?”

“Quais são os espaços que precisam ser fortalecidos para que o diálogo inter-setorial possa acontecer? Que aportes para o seu fortalecimento podem ser realizados?”

Impacto da tecnologia

“Como vai se dar o processo transformador da sociedade a partir da economia do conhecimento, das tecnologias da informação, da conectividade?”

4. Quais possíveis futuros enxergamos?

“A Rede”

“Vejo muitas redes de interesse que se convergem. As pessoas não trabalham isoladamente, estão realmente trabalhando em conjunto, trabalhando estrategicamente e pensando qual é o ator que consegue levar a agenda mais adiante.”

“O Brasil tem uma coisa muito engraçada. Existem muitas redes. Rapidamente as pessoas entram em contato com outras que estão fazendo coisas similares, ou diferentes, mas que fazem parte deste movimento. Sempre senti essa vontade de rede e de conexão no Brasil. Então a inteligência e o trabalho em rede nos fariam conseguir.”

“Algumas organizações deixariam de existir, não porque fracassaram, mas porque contribuíram. Vamos ter novos modelos de ONGs, trabalhando em rede e até o modelo organizacional pode se transformar, não sendo necessariamente instituições. O modelo institucional está em cheque. Porque falamos em fusão só no mundo corporativo?”

“Um futuro bom seria primeiro reconhecer o trabalho em rede e regulamentar o colaborativo, em rede, associado. O emprego, com carteira de trabalho assinada, como está posto hoje, teria que ser mais flexível, pensar nos pequenos, nos associados, nos coletivos, ter outras formas de imposto. Teria uma outra lógica, uma visão de camadas, de entender que o pequeno não paga e que o grande paga mais. Uma fiscalização desse tipo de trabalho.”

“A gente questiona a ausência de pessoa jurídica do MST, por exemplo, ou no movimento Fora do Eixo. As pessoas estão ali por outros motivos, não numa relação de empregador e empregado. Na minha visão elas estão numa lógica de construção de rede, tanto de política quanto de cultura, utilizando da força da mobilização de pares comuns que acreditam na mesma coisa. São formas de fazer mídia diferente, de fazer cultura diferente, não tradicional, não pasteurizada, com outros conteúdos, outras formas e outros atores, que não venderiam no mercado. Espero que no futuro eles não estejam em caixinhas.”

“Os indivíduos não-governamentais”

“Quando penso em fragmentação da sociedade civil, sempre penso de forma positiva, pois fragmentação seriam as várias ações, feitas simultaneamente em diversas partes e com diversos temas. É um conceito ING – Indivíduo Não Governamental. São muitos indivíduos fazendo e falando muitas coisas ao mesmo tempo. Isso não é necessariamente ruim, o que pode ser mostrado nas manifestações que tivemos no Brasil, cada um estava com uma bandeira, mas uma não anulava a outra.”

“Fragmentar mais e mais a perspectiva de olhares sobre determinados temas e políticas seria dramático. Não teríamos mais as organizações, teríamos os indivíduos. Não teria sentido a relação de cooperação. Teria frustrado a possibilidade da sociedade ter os seus espaços associativos e buscar construir ações conjuntas em prol do bem comum ou de um interesse coletivo.”

“Você tem o ultra individualismo, o “ninguém me representa”, a não responsabilização. Assim, como isso mexe fortemente com o sistema político no Brasil e no mundo inteiro, mexe também com as organizações da sociedade civil. Talvez as pessoas cada vez mais não queiram participar de uma organização com fins coletivos que tenha uma certa estrutura e que defenda certos princípios. Talvez elas participem ao mesmo tempo de mil e de nenhuma, porque elas curtem a página do Greenpeace, mas não se envolvem em nenhuma atividade e dão um suporte muito gasoso. Isso é bom ou é ruim? Não sei.”

“Um futuro ruim é um futuro em que se distancia cada vez mais o Estado do cidadão, porque as ONGs não foram capazes, por pressão do próprio Estado, por falta de ambiente institucional. Esses protestos foram um pouco o resultado disso, o cidadão e o estudante não confiam nas instituições existentes, nem as da sociedade civil, que são os partidos políticos e as ONGs. Eles não estavam representando as organizações, mas o indivíduo, não se sentindo representados por ninguém.”

“Teria uma atomização muito forte das causas na sociedade, de maneira que as causas se multiplicam mas ninguém representa ninguém e ninguém se responsabiliza por concretizar nada. Um discurso de negação da ação política: os partidos e as organizações são um lixo e eu me represento. Isso tende a alguém dizer: eu também não represento ninguém, mas eu mando. Criam-se mecanismos de poder na sociedade aliados à descaracterização, perda de poder e esvaziamento em geral das organizações da sociedade civil.”

“Atomização das causas”

“Vejo uma especialização cada vez mais intensa de identidades. As demandas des-

sa sociedade incluída vão se especializando e se tornando cada vez mais sofisticadas e complexas para o Estado. Então não são só os jovens negros, são os jovens negros do movimento hip hop do Capão Redondo...”

“Haveria a fragmentação. Seria uma coisa tão multipolarizada e facetada que não conseguiria ter coesão mínima para as coisas.”

“Autossuficiência e autofinanciamento”

“Construindo redes de cooperação, onde pessoas se tornaram doadoras, a gente foge da rede de financiamentos internacionais, governamentais e empresariais, para fazer nosso próprio financiamento. Isso vai servir às organizações mais ideológicas da sociedade civil.”

“A organização da sociedade civil se tornaria mais autônoma, no sentido de que ela estaria liberta de dois grandes monstros: de um lado as grandes empresas, que financiam a maioria dos projetos e do outro lado o Estado. Teríamos no Brasil um processo forte em que as organizações tivessem alta penetração na sociedade e formas de financiamento muito mais vinculadas aos seus próprios sócios ou um conjunto de agentes econômicos.”

“Teria um processo de autofinanciamento. As organizações conseguiriam encontrar mecanismos pelos quais elas cobrem pelas suas ações e com isso consigam parte de seu financiamento. É uma reeducação que todos nós estamos passando. Parece que tem um medo de lidar com dinheiro, que cobrar por uma ação da sociedade civil não seria legítimo. Numa ausência da cooperação internacional esse autofinanciamento terá de ser repensado.”

“Tendo em vista um quadro de absoluta fragilização de financiamentos externos, os empreendedores assumiram a responsabilidade de colaborar para o fortalecimento de organizações de movimento negro que atuavam nesse âmbito da luta por direitos, políticas públicas e fortalecimento da agenda a nível nacional. Ainda que tímida, essa experiência acabou gerando resultado inesperado. O pouco recurso, mesmo assim acabou sendo suficiente para a manutenção de estratégias inovadoras de fortalecimento da agenda política dos movimentos sociais. Assim o movimento conseguiu se manter a despeito da ausência de financiamentos durante quase uma década. Curiosamente, no momento em que se observou uma autogestão, algumas fundações resolveram voltar a investir nesses sujeitos sociais. Desta vez já não se tinha a mesma ingenuidade.”

“Negócios sociais”

“O conceito de negócio social vai abrir uma oportunidade de reposicionamento corporativo das ONGs e oportunidades de um relacionamento diferente entre empresa, governo e sociedade. Mesmo que você tenha uma oportunidade privada você deve ter o bem público de oferta. Este conceito que é tido como um ideal passa a ser um direito.”

“Achamos que vai ter outra evolução, mesmo na sociedade privada, onde as empresas vão começar a se entender como negócios sociais.”

“Novos fundos”

“Na medida em que as organizações que lutam por direitos humanos se articulem politicamente podem ir para um caminho de constituir um fundo público, da sociedade não do governo, para ajudar a sus-

tentar essas organizações, entendendo, a sociedade, que elas precisam ser mantidas de alguma forma e que, se elas não forem mantidas, em alguns seguimentos haverá a Barbárie.”

“Ou a sociedade civil influencia o mercado a financiar, mantendo sua autonomia, ou influencia o governo a financiar, mantendo sua autonomia, ou insiste com a cooperação internacional para continuar financiando, ou ela cria métodos próprios, internos, como doações individuais, o que seria a criação de um setor independente no Brasil que se auto financie. Então são vários cenários. Cada uma dessas alternativas é um cenário diferente. E uma combinação de todos os esses cenários é um outro cenário ainda.”

“Democracia direta”

“Esses novíssimos movimentos sociais que começam a surgir querendo desconexão plena de governo, afastamento de partidos e até mesmo de ONG’s, são um sinal de que o modelo participativo precisa ser reinventado. Tem que se usar mais tecnologia, tem que se reinventar as eleições para ter mais inclusão da sociedade nos debates políticos, tem que ter mais referendos, mais plebiscitos, uma democracia mais direta.”

“A gente criar de uma forma absolutamente inovadora, tendo apoio e base, com toda a capacidade de inovação tecnológica, de comunicação, de diálogo, mecanismos de democracia direta e de participação da sociedade nas decisões do dia-a-dia e estratégicas do Estado. Um processo de exercício de controle social, com avaliação, com indicadores.”

“Acho que vamos chegar a um cenário que consigamos combinar mecanismos de de-

mocracia direta com mecanismos de participação institucionalizados, além de uma radical - espero eu - transformação das instituições de representação política.”

“Espero conseguir aperfeiçoar instrumentos de democracia participativa melhor articulados e criarmos mais momentos de utilização dos instrumentos de democracia direta associados às tecnologias livres, assim aperfeiçoando a democracia participativa. Democracia representativa tem necessidade de mudança, os partidos políticos tem que se repensar radicalmente.”

“Eu vejo até mesmo a alteração da legislação para a fixação de percentuais do imposto de renda de pessoa física destinados à manutenção de entidades. Essa relação direta com as organizações e com o Estado empodera o cidadão naquilo que me parece um déficit na formação da cidadania no Brasil. Espero poder dispor de mais da metade do meu imposto de renda para entidades ou iniciativas que eu considere legítimas ou indispensáveis.”

“Grupos a nível menor não a nível nacional, os conselhos, o próprio orçamento participativo, que foi esquecida, esses tipos de ações tendem a se fortalecer. Decisões serão tomadas nos próprios bairros. Como que isso vai chegar a lugares maiores, como uma capital ou Estado, eu não vou poder responder. Terá uma efervescência muito grande de tentativas de pessoas no nível local.”

“Estado democrático”

“O Estado seria um Estado democrático forte e capaz de exercer as políticas públicas, de garantir direitos, de fazer política global e nacional. Essa capacidade vindo de uma democracia participativa, da força da base na participação social. Seria supe-

rada a visão de: “vamos para as ONGs porque os Estados são fracos”. O Estado estará respondendo muito de perto as demandas da sociedade fomentando o engajamento para que a sociedade esteja sempre perto.”

“Haverá formação diferenciada dos servidores públicos. Parte do estágio probatório seria feita junto a organizações da sociedade civil, ou pelo menos parcela do tempo de integração dos servidores se daria no convívio direto com a atuação da sociedade, para que eles tenham dimensão dos problemas que elas enfrentam.”

“Ter um Estado democrático depende das pessoas acreditarem no público, nas causas públicas e não só nos nossos parentes. Aqui tem este discurso que desacredita em tudo que é público. Tem a crença no privado e não a crença no público. Não sei se conseguimos mudar isso.”

“Reforma política”

“O ideal seria que a sociedade civil se renove em si mesma. Eu espero que seja o rumo do aprofundamento da justiça social, da democracia participativa, o uso de novas tecnologias, o uso eleitoral de maneira diferente. Para isso seria fundamental uma reforma política, para haver também controle social sobre os partidos políticos. Seria ocupar os partidos e mudar os partidos para fortalece-los, e não o afastamento dos partidos.”

“A crise inevitavelmente chegaria e o povo estaria organizado e com condições de responder a isso e teria força para garantir uma transformação radical da sociedade. Toda essa força popular garantiria a reforma agrária, a reforma política, uma reforma estrutural nos meios de comunicação, uma reforma educacional, desmilitarização da polícia militar. E reformas em todas

as áreas, na saúde, na cultura também, nas leis trabalhistas.”

“Estado controlador”

“O que me preocupa é o Estado controlador. Uma coisa é um Estado normatizador, mas hoje temos cada vez mais controle de etapas e menos controle de finalísticas, menos controle de eficiência. Está cada vez mais difícil ter iniciativas que não sejam submetidas a controle de etapas. É um gargalo que, se não for cuidado, seria um outro caos.”

“Teria uma destruição de entidades muito importantes por criminalização de seus dirigentes. Todos pendurados no TCU, gastando o dinheiro, fruto do seu trabalho, para pagar advogado por conta de erros formais de parcerias, em análise de contas e outros.”

“Tenho dúvida se vamos conseguir reverter essa moralidade das contas públicas, a austeridade do tribunal de contas, porque estamos falando não só da sociedade civil, mas do uso de recursos públicos como um todo. Especialmente em relação à sociedade civil isso pega muito forte, pois exige formalidade e a resposta da sociedade civil é precária, por não haver assessoria, por fragilidade.”

“Não avançar na lógica de controle de resultados e acirrar a lógica de meios. Cada vez querer controlar mais e proibir que as organizações contratem com o Estado. Membros do TCU serem cada vez mais retrógrados e menos compreensivos, repressivos. Propostas de institucionalizar o não institucionalizável e começar a criar regras para aquilo que deve ser livre e de livre iniciativa. Vivemos o resquício de um processo autoritário no Brasil e essas coisas sempre permanecem, implícita e explicitamente.”

“Só estariam as entidades com recursos, obtidos com o Estado ou de financiamentos internacionais, num diálogo cordato e de alguma forma complacente com o Estado, por uma dependência, senão política, cultural. Um diálogo entre iguais. É um mundo pequeno, uma segmentação social que se impõe como limites a nós, em nosso prejuízo.”

“Vai acontecer um aparelhamento das organizações da sociedade civil pelo poder público que será a principal fonte de recursos para projetos e ações da sociedade civil. E o futuro da sociedade civil vai depender de qual ala política vai estar no governo nas próximas eleições.”

“Na própria prestação de serviços públicos a promiscuidade de relação entre organizações e o governo pode fazer com que o cidadão não queira que as organizações sejam intermediárias e tenha uma relação direta com o Governo. A consequência é uma pseudodemocracia, um Estado centralizador e quase autoritário, em que as entidades não tem voz e as pessoas acabam não tendo voz se não for possível que se organizem pelos mesmos interesses.”

“Domesticação total”

“O futuro ruim seria uma sociedade civil bastante cooptada e desenvolvendo quase que flancos de ação de políticas e sem autonomia e capacidade de resistência, interpelação, questionamento e controle social. É uma possibilidade crítica de tirar um diálogo estabelecido em bases mais equilibradas, de equidade, de respeito e colaboração, passando a ter uma submissão da sociedade à ação do Estado.”

“A domesticação total e absoluta da sociedade civil por conta do relacionamento dos projetos das áreas de responsabili-

de social das grandes empresas. Perdem o potencial de crítica e de transformação, com um baixíssimo questionamento do governo e das grandes corporações.”

“As organizações que atendem interesses corporativos – esses vão se manter em qualquer cenário.”

“Estado sequestrado”

“O Estado estará fechado, isolado das formas legítimas do exercício da política, da esfera pública, e será sequestrado pelos interesses privados, que conseguem se manifestar fora das formas políticas abertas, na política suja, da pressão e do financiamento. Organizações estariam menos evoluídas e teriam mais dificuldades de atuar. Uma relação de muita oposição e muito embate. Não se conseguiu base social suficiente para existir outro modelo de relação com Estado. Tudo depende da sociedade lutar para que existam essas organizações e, de alguma forma, a própria sociedade não apostou nas organizações.”

“A crise chegaria e as forças populares estariam desorganizadas, brigando entre si e a direita estaria organizada e estaria mais bem posicionada e com mais força. Teríamos um país pior do que agora. Provavelmente continuariam fazendo de conta de que vivemos em uma democracia. Aconteceria algo como esses golpes formais que aconteceram dentro da legalidade na América Latina. Provavelmente o Brasil estaria mais aberto aos interesses imperialistas dos Estados Unidos. As empresas privadas e transnacionais estariam atuando com mais força aqui. Privatização e terceirização de tudo e os meios de comunicação cada vez mais fortes.”

“Volta da ditadura”

“Quem não gosta de partido político é a ditadura. Essa fala contra partidos me preocupa. Será que não estamos dando um passo para trás? Será que estamos voltando para um momento onde não haja mais este tipo de organização?”

“Existem grupos de extrema direita fascista, os neonazistas, skinheads, que existem hoje no Brasil, mas eles se escondem, porque não são aceitos. Eles não iriam mais se esconder. A polícia seria mais truculenta. Cada vez com mais esquadrão de morte assassinando a juventude nas periferias.”

“Quando eu vejo o governo federal lançando seus projetos de construção de hidrelétricas na Amazônia, rasgando a constituição federal e os acordos internacionais que foram feitos, quando o governo desconsidera tudo isso, não reconhecendo os direitos adquiridos dos seus povos, e coloca a força nacional para bater e matar povos indígenas, é porque a ditadura já voltou. Um país assim não pode ser considerado uma democracia.”

“O pessoal da direita vai para a rua e pede a morte do Lula e da Dilma e o fim do congresso. As pessoas estão tão cansadas de tudo que está aí que isso acaba parecendo uma solução. Meu medo é que isso reverbere a ponto de as pessoas acharem melhor ter um congresso fechado do que um congresso ruim, que é melhor não ter eleição, para não gastar dinheiro com político corrupto, que é melhor ter pena de morte, porque bandido bom é bandido morto. A gente corre o risco de ir para uma barbárie imensa aceita pela maioria da sociedade. Tudo isso já acontece e o risco é que seja aceito de uma forma normal.”

“A lógica conservadora no poder”

“Num futuro onde a lógica conservadora esteja no poder, a sociedade civil vai estar clandestina, ou vai ter que voltar a um perfil de organizações assistencialistas. Eles se estruturam neste perfil, que combina com a mídia sensacionalista que não canaliza nada para a política pública. Daí a eficácia sai do campo da conquista do direito, de cobrar por saúde educação etc. e passa para uma questão do individual, você tem seu problema de saúde e vai até a instituição para pegar o seu remédio. Isso cria uma rede poderosa em torno de votos. Isso é um cenário possível e que nos colocaria lá nos anos 70.”

“Nos tornarmos uma sociedade mais conservadora do que somos e criar instrumentos e mecanismos judiciais mais conservadores do que os que já existem. Temos os exemplo dos países europeus, que durante séculos visaram os Estados de bem estar social, e que hoje, temos sociedades bastante fechadas para o seu mundo, para o seu povo e com governos cada vez mais conservadores. Isso é possível e eu acho muito temerário.”

“Num cenário ruim, a gente pode ter uma perda de representatividade num período em que a incidência política dos grupos independentes não é a que agente espera ser.”

“Consolida-se um discurso conservador muito forte e um espaço para a organização de grupos conservadores. O problema é estes grupos se tornarem hegemônicos e começarem a minar os processos já garantidos. Este é um perigo muito forte e a defesa de direitos não se coloca contra isso de uma maneira muito forte.”

“Teríamos uma reedição da opção brasileira pela negação da existência do racismo como organizador das desigualdades sociais num país de passado escravista. Isso faz com que movimentos que caminhavam para um diálogo se afastem e se reforcem as caixinhas e não a intersecção. Há um enfraquecimento das agendas dos movimentos sociais. Você tem a interrupção de políticas de transferência de renda. Um avanço de um conservadorismo cristão desrespeitoso, um desmantelamento completo do INCRA e das possibilidades de garantir a titulação de terras indígenas, quilombolas e de outras comunidades tradicionais. Nesse processo tememos pela reedição de uma espécie de fascismo no Brasil.”

“Disputa de valores”

“Nós teríamos uma situação de turbulência social com interesses conflitantes, muitas disputas e muitas dispersões, com a descontinuidade que caracteriza a administração pública brasileira. Nos anos desenvolvimentistas tivemos uma ditadura e depois a gente reconstrói a democracia. E assim vamos sucessivamente entre idas e vindas. O que me assusta agora é uma descontinuidade gerada por turbulência, falta de diálogo entre atores interessados, que não valorize o legado e que tenha um período no qual uma geração tenha um gap e fique à margem e, quando e se tivermos uma crise maior, nós não tenhamos pessoas preparadas para responder.”

“A construção desse “outro mundo possível” e de novas utopias reais supõe além de boas políticas públicas, a superação da fragmentação e uma transformação de valores. As boas políticas tem que vir acompanhadas de uma disputa de valores da sociedade brasileira.”

“O risco das ONGs não conseguirem abarcar os anseios da sociedade no futuro é muito grande. Tem uma juventude gigante se reunindo em torno de ideias, captam ou não recursos, trabalham, a coisa se dissolve e vai cada um para o seu lado. Tem uma galera de 30 anos que passou e saiu muito desanimado com a forma com que as ONGs lidam. Todo mundo quer ter voz agora e quer participar. Tem novos termos como ativismo autoral, ou a cidadania ativa. Num cenário ruim as ONGs tenderão a perder representatividade, ou pelo menos o apoio da sociedade.”

“Só faz sentido as organizações da sociedade civil existirem se elas forem realmente representações da sociedade. E para estarem neste patamar é preciso uma transformação da própria sociedade. De valores, de cultura política, uma sociedade mais solidária, democrática, menos racista, homofóbica, machista. Se não, vão vir organizações apartadas da sociedade. Sua legitimidade, a de suas causas, deve estar na sociedade. Então é necessária uma transformação radical da sociedade, da nossa cultura política.”

“Fechando as nossas portas”

“Se agente não cria essa cultura de cooperação pela causa e cria concorrência, vão ter ONGs que fecham.”

“Vamos perder muitas organizações importantes porque eles não conseguiram continuar, ou porque diminuíram o seu alcance. Perderemos densidade, capacidade de ação e incidência.”

“Seguindo uma tendência que se assiste desde os anos 2000 as últimas organizações de movimento negro, que existiam com o enfoque na atuação comunitária e em termos

de incidência política, serão fechadas. Verifica-se um completo desconhecimento do que foi a experiência do movimento negro entre 1978, com a fundação do Movimento Negro Unificado, e 2015, quando a última organização negra fecha. Isso gera um vazio.”

“Vamos ter uma “barbarização”. Moradores de rua sendo mortos por polícias e milícias. Limpezas dos centros das cidades sem instituições que possam se posicionar contra isso. A violência contra homossexuais se generalizando, tortura acontecendo nas prisões, e as poucas instituições que hoje se colocam na defesa dos segmentos não estariam lá para se posicionar.”

“Servindo a interesses criminosos”

“Haveria o reforço à criminalização, práticas que se vê nos grandes casos disseminadas nos municípios entidades da sociedade civil atendendo aos interesses locais com mais ênfase. Como há uma ação bastante enfática, na contensão de práticas delituosas de empresas, eu vejo neste cenário, as OSC's servindo a essas práticas e interesses criminosos.”

“Vai ter mais dinheiro público mal gasto, desviado, porque menos transparência é menos fiscalização, até para o cidadão fiscalizar. Isso é mais grave do que a credibilidade. É dinheiro que vai deixar de atender pessoas, hospitais, projetos e problemas, o que atinge a sociedade de uma maneira que é difícil de ser vista.”

“Capacitação das OSCs”

“Uma democracia participativa deve capacitar os atores políticos. Se as ONGs não se qualificam, perdemos os espaços de negociação política e os setores passam a procurar soluções isoladas.”

“Precisa de uma excelente estratégia de comunicação na sociedade civil. Estratégias mesmo de comunicação de massa de uma forma mais estruturada, sobre o que elas fazem e os benefícios. Para a transparência, criar mecanismos como um observatório é importante. Vai ter que se buscar caminhos de encontrar esse tipo de ferramentas que podem dar visibilidade e transparência para as organizações. A legitimidade está também na qualidade de serviço que presta, no que faz. A qualidade e seriedade.”

“O problema seria a cultura do povo, mas também a cultura das ONGs, que não conseguem fazer uma aproximação com o povo. As ONGs teriam de sair do seu mundo. Precisariam perceber que, já que as pessoas não entendem o que elas fazem e porque fazem, precisariam ampliar a capacidade de se fazer entender. As ONGs deveriam melhorar o seu discurso e lidar com a sociedade brasileira como ela é. Se quiser ampliar sua base na sociedade, deverão superar certos preconceitos para tocar o coração das pessoas.”

“As pessoas podendo destinar seus impostos para organizações de interesse público dará um caldo interessante de incentivo a engajamento. As organizações terão uma capacidade de comunicação muito grande, fazendo a informação circular. ONGs com o perfil de advocacy e de campanhas conseguirão de fato trazer pessoas e exercer um papel de formação política cidadã muito forte.”

“Desburocratizando”

“Minha esperança é que a evolução tenda a desburocratizar o Estado. Hoje ele está muito engessado e tem muita dificuldade de trabalhar com a sociedade. São poucos os mecanismos de participação ativa.”

“Um marco regulatório que propicie menos burocracias e propicie menores entraves para a sustentabilidade. Uma uniformização de procedimentos tributários, regulatórios, políticos que facilite a vida das organizações. Logicamente que o Estado brasileiro não favorece isso devido a tantas instâncias federativas e locais, cada uma responsável por alguma exigência em relação à existência da sociedade civil.”

“Teria a criação de sistemas mais amigáveis, maior transparência e maior participação.”

“A jurisprudência vai conseguir reconhecer as peculiaridades das entidades privadas sem fins lucrativos, vai conseguir entender que as organizações tem uma forma de sustentabilidade econômica que é diferente do setor privado tradicional e do setor público, que é múltipla, que tem várias fontes de recursos, que não se contamina. Ela vai entender que elas têm uma lógica de ampliação ou de diminuição de acordo com a lógica de projetização (o que eu não vejo que vá mudar muito), então ela vai ter mais ou menos pessoas contratadas a medida que houver projetos financiadores para isso.”

“Parte da vitalidade que existiu na rua se transfere para dentro das fábricas e das empresas, dos bancos. Que essa rebeldia da rua seja uma rebeldia dentro do ambiente de trabalho e isso vai chamar o sindicato para uma outra postura. Muitas dessas pessoas podem ir para dentro das direções dos sindicatos e provocar uma mudança naquela postura muito burocrática sindical, que não chama a classe para discutir questões de fundo, como fazia nos anos 70, 80.”

“Re-educação das empresas”

“Outra perspectiva é a de reeducação das empresas e organizações públicas e priva-

das para financiar ações da sociedade civil, não com a visão de filantropia, mas uma visão estratégica, de entender a importância de melhorias na sociedade. ”

“Cabe as organizações da sociedade civil fazer um trabalho de educação com as empresas. A sensibilização viria pelos projetos que a organização propõe e pelos que ela aceita fazer. Falar não para recursos é super difícil, mas é preciso sensibilizar as empresas, partir da proposta que você acredita e tentar educar elas nisso, dizer para a empresa que se a gente fizer de outro jeito, a gente consegue realmente promover mudança.”

“É necessária uma tomada de consciência por parte das fundações de que, se continuarmos sendo autorais vamos matar necessidades que existem e que a gente não conhece porque não estamos no terreno. Estamos neste prédio chique, pensando o problema dos jovens sem conhecê-los e a ONG que os conhece está com sua voz enfraquecida. A relação não está igual. Tem que haver um movimento dos dois lados. A fundação abrir mão da autoria e a ONG falar mais do que nos une e menos do que nos diferencia, o que dá preguiça aos financiadores.”

“A sociedade mediana”

“Temos um problema brasileiro de nos tornarmos o ícone de uma sociedade mediana, ou seja, aquilo em que nada funciona. Se estabiliza um processo sem transformação consistente, em que se naturaliza a desigualdade, o que singulariza um processo de educação por escolarização em padrões mínimos adequados para a força de trabalho. A gente corre o risco de deixar de ser a fronteira para ser a ancora daquilo que não inova. Será que os modos de lidar com o desafio social brasileiro vão nos tirar a capacidade de inovação?”

“Como a gente já fez a transição demográfica e o país vai parar de crescer, a gente vai ter uma população toda medianamente educada, no sentido de educação formal. É um cenário muito ruim. É mais provável do que os outros. Com a fronteira da sociedade de conhecimento avançando com a velocidade que está, se o Brasil estanca a sua curva demográfica com um nível de escolarização formal e informal mediano, que dá conta de algumas coisas, a distância frente a essa fronteira com a sociedade de conhecimento é abissal.”

“Teríamos ações mais voltadas para as questões do Nordeste e Norte, até porque o poder econômico está muito atento às riquezas dessas regiões, por conta do potencial energético e agropecuário. Mas continuaríamos com o poder decisório nas organizações e entidades do Centro-Sul. Isso seria ruim porque é muito importante ter uma visão local dos impactos que determinados empreendimentos e modelos de negócios vão ter em cada lugar.”

“Enfrentamento das desigualdades sociais”

“Num futuro positivo, finalmente foi possível enxergar o impacto do racismo na configuração das desigualdades sociais. O ponta pé foi o diálogo entre as organizações de movimento negro e as organizações de mulheres, num contexto de absoluta transparência no debate. Isso acabou gerando um modelo que se expandiu para os espaços de discussão sobre acesso à terra, à cultura, à cidade, aos serviços de saúde, educação e comunicação. Se tornou possível garantir a participação equitativa dos diversos seguimentos que compõem a sociedade brasileira. Os diálogos se manteriam, porque não é algo que se resolva, é um processo que deve ser repensado cons-

tantemente. O fortalecimento da sociedade civil se deu justamente pelo desenvolvimento de um mecanismo de constante atualização do conhecimento acerca da sociedade civil em sentido amplo.”

“De fato a gente vive um momento de muito temor de que, assim como aconteceu na independência em 22, na República, nos movimentos antes do golpe e nos movimentos pela redemocratização, há um apagamento dos sujeitos políticos negros. Se acontece isso de novo, num momento em que há um avanço de políticas públicas de promoção da igualdade social, seria uma tragédia.”

“Integração de agendas”

“Eu acho que vai haver uma progressiva convergência das pautas das organizações da sociedade para discutir de fato um modelo de desenvolvimento para Brasil.”

“As soluções para os problemas que a gente tem não dependem de um só campo. Eu gostaria de ver maior integração de agendas.”

“Os novos movimentos vão criar alianças com os movimentos mais tradicionais, preservando o oxigênio e vitalidade que eles tem e, na medida que se relacionem com esses segmentos mais tradicionais vão incorporar bandeiras históricas da sociedade. Seria uma simbiose que faria os dois crescerem. Esses dois segmentos atuando juntos vão impulsionar mudanças, vão fazer os governos terem agendas que respondam à sociedade, vão criar uma pressão positiva.”

“Temos que aprender a trabalhar tanto em coordenações horizontais, quanto em transversalizar aquilo que se faz. A tecnologia pode nos ajudar. Nenhum programa

poderia existir sem coordenação horizontal, transversal e vertical. Tem que ter no corpo do projeto ações de coordenação e de articulação.”

“Temos que criar formas que imponham a cooperação. Se as pessoas não cooperam, por um comportamento inercial, que vem da história da nossa gestão, nós, o governo, a universidade, os movimentos, temos que chamar os outros e criar regras de convivência, dispositivos para que possamos cooperar. Sem cooperação nenhum projeto poderia ser feito. É a única forma de trabalhar no mesmo território com convergência: aprendendo a trabalhar juntos.”

“Tinha que ter algo que valorize a riqueza dessas parcerias. Existem projetos sensacionais e que jamais faríamos sozinhos. Se fizermos juntos, não estaremos perdendo recursos. Os resultados no final são bem mais importantes. Além das parcerias de rede, a gente consegue se fortalecer juntos em editais específicos. Pegar o que eu faço de melhor, o que ele faz de melhor e fazer o melhor para a sociedade.”

“As que atuam no âmbito regional ou nacional devem se reinventar, para que o cenário seja de uma comunhão entre os grupos independentes e as organizações mais estruturadas. O papel que essas ONGs poderiam ter é de dar suporte para esses coletivos. Incubar coletivos, captar recursos e fazer a parte administrativa para esses coletivos, treinamento e aprendizagem em várias áreas. A sociedade Brasileira é muito diversa, essa fusão entre a juventude com a sociedade civil organizada ajudaria mais a dar conta desta diferença. O ganho imediato é maior incidência política para atacar retrocessos e parada nos avanços que tivemos.”

“Mosaico”

“Eu volto ao desenho do mosaico onde as diversas partes formam uma outra coisa, mas não se anula ninguém. Esse é o grande desafio em termos de pensar essa representação na sociedade civil de maneira que incorpore a todos e todas, sem que se crie essa hierarquia que define quem é minoria. Apesar das contradições todas da nossa sociedade tem um processo de reconhecimento disso. Você pode até não aceitar, mas reconhece que existe. É o primeiro passo para ir incorporando isso nos teus olhares.”

“A necessidade de organização da sociedade civil se deu para que tivesse uma incidência política maior. Incidência que os sindicatos não apresentavam mais, porque só militavam em torno das causas trabalhistas. O governo não nos representava e as corporações tem os interesses delas. Então a gente se organizou para isso. Não sei se os movimentos independentes tem a capacidade de ter esta incidência. Talvez algo que mesclasse ambos seria o ideal.”

“A influência da academia”

“Mais escolas, mais universidades e faculdades passarão a tratar de temas como a sociedade civil organizada, o terceiro setor, o Estado participativo.”

“Olhando para o resto do mundo”

“A sociedade civil brasileira precisa olhar para o resto do mundo. Ela tem um potencial tremendo de contribuição para dar para o resto do mundo. Existe mais pressão lá fora do que aqui dentro para que o Brasil dê esse passo.”

O que este texto me diz em relação à realidade emergente da sociedade civil brasileira?

Anexo

Lista de entrevistados

- Alex Cardoso
- Ana Flavia Magalhães Pinto
- Ana Maria Peliano
- André Degenszajn
- Caio Magri
- Carolina Tokuyo Rodrigues
- Cindy Lessa
- Claudia Wernek
- Dona Dije
- Fernanda dos Anjos
- Francoise Trapenard
- Guilherme Lara C. Tampieri
- João Malerba
- Joisiane Gamba
- José Moroni
- José Eduardo Romão
- José Eduardo Sabo Paes
- Julia Esther
- Ladislaw Dowbor
- Laís de Figueiredo
- Lia Lopes
- Lira Alli
- Marcelo Marquesini
- Marcus Fuchs
- Maria Laura Canineu
- Mário Aquino
- Marquino Mota
- José Moroni
- Nicole Verillo
- Paul Singer
- Paulo Castro
- Pedro Pontual
- Regina Esteves
- Ricardo Manuel Henriques
- Rui Mesquita
- Tânia Fischer
- Vera Masagão
- Weibe Tapeba